

AS RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS EM MULHER MAT(R)IZ, DE MIRIAM ALVES

Homosexual relationships in Mat(r)iz Woman, by Miriam Alves

Letícia Gabrieli DREY
Universidade Federal da Fronteira Sul
leti_drey@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1332-1551>

Demétrio Alves PAZ
Universidade Federal da Fronteira Sul
demetrio.paz@uffs.edu.br
<http://orcid.org/0000-0002-5305-290X>

RESUMO: O artigo analisa três contos da obra *Mulher Mat(r)iz* (2011), de Miriam Alves: “Abajur”, “Os olhos verdes de Esmeralda” e “Minha flor, minha paixão”. Nas três narrativas há personagens homossexuais que sofrem algum tipo de discriminação ou violência. O nosso suporte teórico são obras de Moema Parente Augel, Judith Butler, Angela Davis, Audre Lorde, que nos ajudaram a perceber as relações entre sexualidades e identidades nos contos. A representação que a autora propõe é importante para se pensar a constituição do “ser mulher” e do “ser homem” na sociedade contemporânea. As mulheres na obra de Miriam Alves assumem importantes papéis representativos na luta contra o racismo, a homofobia, a violência de gênero e os padrões androcêntricos. Desse modo, a literatura afro-brasileira de autoria feminina, além de propiciar a representação e autorrepresentação da mulher negra como escritora e protagonista, apresenta distintas formas de ser e estar no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Afro-brasileira; Escrita Feminina; Identidade.

ABSTRACT: This essay analyses three short stories of the work *Mat(r)iz woman* (2011), by Miriam Alves: “Abajur”, “Os olhos verdes de Esmeralda” and “Minha flor, minha paixão”. In the three narratives, there are homosexuals’ characters, which suffer some kind of prejudice or violence. Our theoretical approach are works by Moema Parente Augel, Judith Butler, Angela Davis, Audre Lorde, that help us to perceive the relations between sexuality and identity in the short stories. The representation the writer brings is extremely important to think about “being a woman” and “being a man” in contemporary society. Women



in Miriam Alves' works assume important representative roles in the struggle against racism, homophobia, gender violence and androcentric standards. Thus, afro-Brazilian feminine authorship, in addition to providing the representation and auto representation of black woman as a writer and protagonist, presents different ways of being in the world.

KEYWORDS: Afro-Brazilian Literature; Woman Writing; Identity.

INTRODUÇÃO¹

A inserção da voz feminina na literatura, por meio da escrita, publicação e divulgação de obras é um ato político, assim como muitas conquistas das mulheres na sociedade. O direito ao voto, a liberdade de optar pelo casamento, a lei do divórcio e o trabalho fora de casa são conquistas daquelas consideradas “sexo frágil”, que reivindicaram e alcançaram seus feitos. Direitos que as transformaram de meras espectadoras da vida social em participantes dos acontecimentos e decisões da sociedade e de suas próprias vidas.

O aspecto que faz da visibilidade da escrita negra feminina um ato político é a necessidade encontrada por essas mulheres, mesmo dentro do movimento feminista, de afirmarem as suas reivindicações perante as das mulheres brancas e, sobretudo, dos homens negros e brancos. Dessa maneira, nos textos, há vias para (re)pensar, representar e exaltar a mulher afro-brasileira, tendo em vista que:

Antes de tudo, é um corpo vitimado que necessita de se desvincilar das marcas de sexualização, racialização e punição nele inscritas para redefinir-lo numa ação de afirmação e autoafirmação de identidade; [...] Os versos e os textos realizam a desconstrução desse *locus* de confinamentos onde ficamos excluídas da noção de estética nacional, para chegarem à construção, ou, pelo menos, a apontar de outro lugar de brasiliade onde o Brasilafró feminino possa existir em plenitude (ALVES, 2010, p. 71).

Alves (2010) expõe um dos maiores problemas que a população negra feminina enfrenta: a dificuldade de se desvincilar das marcas que a subalternizam. Entretanto, a literatura atua como um agente desconstrutor dos discursos acerca do corpo negro feminino, assim como é uma ferramenta para a abertura de um local em que esse mesmo corpo exista e faça parte como sujeito construtor de sua própria identidade. Deste modo,

¹ Artigo decorrente do projeto de pesquisa O conto afro-brasileiro de autoria feminina no século XXI, aprovado no edital N°194/GR/UFFS/2019 com bolsa de iniciação científica PROBIC/FAPERGS.

as escritoras negras, na contemporaneidade fazem o exercício de “trazer ao leitor os dramas vividos na modernidade brasileira, com suas ilhas de prosperidade, cercadas de miséria e exclusão” (DUARTE, 2007, p. 3). Essa aproximação da literatura com o social faz com que haja a construção de uma narrativa ficcional que se encontra com inúmeros aspectos reais, vividos em grupo ou individualmente.

Miriam Alves é uma das mulheres que desconstrói e reconstrói as vivências de suas personagens, priorizando as experiências de cada indivíduo. As violências sofridas, as relações, a homoafetividade, a solidão, entre outros, são alguns aspectos tratados nas histórias dessa escritora que traz essa afro-brasilidade para as páginas de seus livros. Ao tratar de relações, temos em vista não só as afetivas, mas também as relações das personagens com a sociedade, com a cultura e com os encargos que ambas, muitas vezes, acabam por impor.

Miriam Aparecida Alves nasceu em São Paulo, no ano de 1952. Na década de 1980, passou a integrar o coletivo Quilomboje Literatura, responsável pela produção dos *Cadernos Negros*. Estreou publicando no volume 5, de 1982. Sua escrita não se detém à ficção, além dela, se debruça sobre a crítica literária, com artigos publicados no Brasil e no exterior. Publicou os livros de poesia, *Momentos de busca* (1983), e *Estrelas no dedo* (1985). A peça teatral *Terramara* (1988) em co-autoria com Arnaldo Xavier e Cuti (Luiz Silva). Os livros de contos *Mulher Mat(r)iz* (2011) e *Juntar pedaços* (2020), e os romances *Bará na trilha do vento* (2015) e *Maréia* (2019).

Analisamos três contos presentes no livro *Mulher Mat(r)iz* (2011), que são: “Abajur”, “Minha flor, minha paixão” e “Os olhos verdes de Esmeralda”. Debruçamos nossa atenção sobre as personagens femininas de Miriam Alves, considerando-as peça-chave do objetivo da escrita da autora. As mulheres se apresentam como pessoas empoderadas, independentes economicamente, socialmente e ocupantes de bons cargos no mercado de trabalho. Além disso, vivem relações íntimas de amor, paixão, traição e reconciliação. São os sentimentos, alguns deles sobrevivendo de forma velada, que constituem a poética de Miriam Alves, nas histórias que analisamos neste ensaio.

RELAÇÕES LÉSBICAS: POSIÇÕES E IMPOSIÇÕES

A obra dá visibilidade às diversas formas que mulheres negras encontram de amar e sofrer, as distintas bagagens que carregam, as solidões e as violências. O título do livro, “Mulher Mat(r)iz”, traz algumas das inquietações que a autora expressa em seus contos, centrando o olhar no ser feminino, suas particularidades e possibilidades. No prefácio da obra, Moema Parente Augel comenta:

O feliz título desta coletânea já abre aos leitores e leitoras um leque de possíveis interpretações, ao mesmo tempo em que direciona o olhar para um ponto fixo: os contos tratam, de uma maneira ou de outra, da mulher, da matriz, fonte, origem, umbigo. Mas não só. Da mulher apresentada numa palheta variada e múltipla, em diferentes situações e circunstâncias, da mulher em seus muitos matizes, o queutiliza a ideia subjacente à imagem metafórica, apresentando um caminhar pelos vários lugares possíveis e os muitos espaços da mulher negra. (AUGEL, 2011, p. 13)

Diante desta abordagem, podemos perceber que “se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é” (BUTLER, 2003, p. 33). Existem diversas maneiras de tratar da sua identidade como indivíduo que tem suas particularidades: vontades, sentimentos, formas de ser e estar no mundo. Há também outras constituídas “porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (BUTLER, 2003, p. 33) Ou seja, o encaixe no gênero feminino abre muitos leques para a constituição de cada mulher. Estas especificidades estabelecem subdivisões extremamente importantes para que entendamos o meio social a que as mulheres pertenceram e pertencem hoje.

A palavra matriz liga-se à fonte ou origem. Posto isso, é possível que o leitor do livro de Miriam Alves se depare com histórias que tratam do ser feminino como aquele que origina a vida e que tem um universo “com várias possibilidades vivencial-afetivas” (ALVES, 2011, p. 21). Além disso, faz dessas vivências afetivas parte do desenvolvimento de suas personagens.

Ainda no prefácio da obra, é interessante postular o que diz Augel sobre como a autora desenvolve suas tramas,

incluindo, sobretudo, elementos que têm a ver com o ser humano no seu todo e na sua diversidade [...] o lugar da mulher, envolvendo a liberdade pessoal em escolher o próprio parceiro ou parceira; o amor e o ciúme, o erótico e a ternura, a traição, a brutalidade são assuntos que desempenham um papel tão importante como o compromisso ideológico de denunciar a discriminação das diferenças (AUGEL, 2011, p. 14).

A leitura dos contos possibilita que o leitor perceba como as relações podem ser diferentes, se pensadas de maneira plural. Ou seja, possivelmente uma leitora heterossexual irá se deparar com o conto “Os Olhos Verdes de Esmeralda” e perceber que já passou por alguma necessidade parecida para se livrar de situações de preconceito como as apontadas na história. Por essa razão é que a abordagem de Miriam Alves é tão significativa, uma vez que toma o local de porta-voz daqueles indivíduos invisibilizados pela sociedade.

No conto “Os olhos verdes de Esmeralda”, conhecemos a história de amor entre duas mulheres, iniciada nos tempos de estudante e continuada após as duas terem se graduado e começado a trabalhar: Julita (Esmeralda), a qual recebe essa identidade devido ao seu par de olhos verdes, e Marina. O casal optou por viver o amor de maneira discreta, para evitar constrangimentos familiares, de modo que o romance teve de existir às escondidas, visto que para a família elas eram apenas melhores amigas.

Nota-se a maneira velada com que o relacionamento existe, o que é consequência do medo de sofrer alguma repressão homofóbica no meio social em que viviam. Essa é uma vivência comum para os casais lésbicos, visto que há a necessidade do cuidado com a parceira e com si mesmo. Tanto a heteronormatividade quanto o machismo impõem realidades bastante cruéis às mulheres que se orientam indo contra o padrão imposto, pois ditam que “o prazer feminino vem em segundo plano e é inadmissível se for experimentado sem que o homem esteja presente como agente ativo” (SOBRINHO, 2015, p. 89).

Esse silenciamento incumbido aos casais lésbicos é um mecanismo de fundamental importância para a manutenção e propagação do racismo, sexismo e da lesbofobia. À vista disso é que a visibilidade lésbica é tão valorosa para a construção de uma reação contra essa sociedade que não só invisibiliza como ficcionaliza as questões acerca da lesbianidade. É para evidenciar que as mulheres têm consciência de que não são propriedades do poder patriarcal, rompendo com a ideia de que seu dever é servir ao homem.

Essas violências que estão fixadas no silêncio das personagens Esmeralda e Marina são amostras de nocividade. As duas foram privadas de assumirem a verdadeira identidade e orientação sexual pela qual se guiavam, desse modo, foram obrigadas a negar a si mesmas. O desfecho do conto se dá quando elas voltam para casa, depois de uma festa com a família, e, ao dispararem no semáforo, são abordadas por policiais que não só as humilham como também as estupram, no meio da rua. Ao final da história há “Um processo correndo sem testemunhas, o vexame do corpo de delito e... A vida continua” (ALVES, 2011, p. 66). Assegurando-se nestas questões, o leitor é levado a perceber como os medos, as inseguranças e o silêncio das mulheres lésbicas não são em vão, como a sociedade não respeita e como a masculinidade fetichiza essa orientação. Essa violação de seus corpos é demasiadamente recorrente, dado que de acordo com um levantamento exclusivo feito pela revista “Gênero e Número”, a partir de dados obtidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, “Em média, 6 lésbicas foram estupradas por dia em 2017, em um total de 2.379 casos registrados” (SILVA, 2019). Além disso, a pesquisa específica que as maiores vítimas eram as mulheres negras, representando 58% delas (SILVA, 2019).

As ações exercidas pelos policiais se enquadram no que Sardenberg e Macedo (2011) entendem como violência de gênero, sendo ela

toda e qualquer forma de agressão ou constrangimento físico, moral, psicológico, emocional, institucional, cultural ou patrimonial, que tenha por base a organização social dos sexos e que seja impetrada contra determinados indivíduos, explícita ou implicitamente, devido à sua condição de sexo ou orientação sexual (SARDENBERG, 2018, p. 147).

As violações em Esmeralda e Marina foram tanto psicológicas quanto físicas, ambas extremamente danosas para a saúde mental de suas vítimas. A primeira fala do sargento, deixa claro como a abordagem foi, desde o princípio, homofóbica: “Temos dois machos aqui” (ALVES, 2011, p. 65). Neste momento ele invade também a integridade física de Esmeralda pela primeira vez, com a ação de apertar o rosto dela com os dedos.

Algumas palavras que o sargento utiliza para se referir às lésbicas também demonstram o preconceito e a visão de que a mulher lésbica está tentando tomar o lugar do homem. Primeiro, ele pensava que “odiava as sapatas, estavam sempre com uma gostosa do lado. Odiava negros também” (ALVES, 2011, p. 65). Nota-se que além de violentá-las por serem homossexuais, o racismo foi, mais uma vez, motivo para o ato. Depois, ele se dirige a Esmeralda: “Por que o boyzinho acelerou ao ver a gente? Tem culpa no cartório ou tem medo de macho de verdade?” (ALVES, 2011, p. 65). Logo, a ação do homem demonstra como tenta fundamentar a sua autoridade através do medo, tentando provocar a mulher com falas agressivas.

O ato mais cruel e repugnante descrito no conto é o estupro, em que o policial justificava a violação: “Não gosta de homem, não é? Vou fazer você gostar! Nunca conheceu um, não é...? Você vai sentir o que é bom.” (ALVES, 2011, p. 65). A violência sexual perpetrada sobre o corpo da mulher negra foi consolidada com os atos ocorridos durante a escravidão, que, para a sociedade e as leis da época, eram lícitos. Davis (2016, p. 36) percebe no estupro “uma arma de dominação, uma arma de repressão cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir”. Comparando as ações do passado com as do presente, comprehende-se que o objetivo dos homens que estupram mulheres ainda é dissolver o desejo e a liberdade delas poderem ser quem são.

As questões implicadas nas relações homoafetivas entre mulheres estão presentes também no conto “Abajur”. Além disso, a narrativa apresenta uma quebra do estereótipo da virilidade masculina. O narrador inicia a história em terceira pessoa, relatando sensações e pensamentos de uma personagem. Adiante, revela uma discussão entre um casal. Para fazer as pazes, uma das partes envolvidas volta ao apartamento, mas nota que não há ninguém. De repente, começa a ouvir gemidos abafados vindos do quarto, dirige-

se até lá e se depara com uma surpresa: “Na cama o dorso nu de Jorge ajoelhado por entre as pernas de Nadir, que o entrelaçava pela cintura” (ALVES, 2011, p. 28).

É neste momento que os nomes das personagens são revelados, e a história se desenrola. Nadir e Clotilde viviam um relacionamento amoroso e moravam juntas no apartamento de Nadir. Tiveram uma briga e Nadir acaba ficando com Jorge. Após se deparar com a cena, a mulher parte para cima dos dois, até que Jorge a ameaça e é parado por um chute violento vindo de Nadir. As duas choravam juntas, a agressividade passou e o que se via agora era uma troca de carinhos que resultou em um convite para que Jorge participasse daquele momento com elas. O conto se encerra com o retorno dos pensamentos de Clotilde lembrando o fim de semana e seus acontecimentos. Nas últimas linhas o leitor ainda se depara com mais uma surpresa, a notícia de que Nadir e Jorge eram professores Universitários de Clotilde, na Universidade de Niterói, onde ela terminava a sua tese de Literatura Angolana e Negritude.

Neste conto, a escritora “adota um discurso erótico, ao expor as nuances e atos sexuais através da linguagem” (DIAS, 2014, p. 42). Dessa forma, é responsável por uma transformação da literatura no Brasil, pois constitui personagens lésbicas que se impõem como sujeito-mulher-negra que tem desejos e que procuram a realização afetiva com outra mulher.

Alguns aspectos merecem atenção do leitor durante a narração. Primeiro, as marcas da cultura africana sendo cultivadas dentro do apartamento: as máscaras africanas, um panô de uma mulher negra nua e outro do cantor Bob Marley, que servia de cortina para a sala. Além disso, Clotilde estuda a literatura angolana, é alguém que demonstra interesse por sua ancestralidade e sabe a importância de preservá-la.

Outro aspecto é a forma como Jorge se porta durante a discussão do casal: “(...) Jorge, todo vestido encostado à parede do quarto. Desconcertado. Excitado. Confuso. Quem diria que Nana era...” (ALVES, 2011, p. 184). O homem fica sem saber como agir, passivo ante as duas mulheres. É neste momento que um dos estereótipos da masculinidade cultivado pela sociedade falocêntrica é desconstruído, pois ele não é mais visto como o superior dentro da relação sexual, pelo contrário, fica no local de “espectador neutro” (Alves, 2011, p. 29).

A relação de cumplicidade entre as duas mulheres demonstra como o fator sexual não é o único que interessa na ligação entre elas. Sobre o casal, podemos notar duas passagens do conto que demonstram a intimidade que tinham. Clotilde vê a ação da companheira de lhe dar a chave de seu apartamento como um pacto de cumplicidade e confiança que lhe dá segurança, e por isso sempre se sentiu em casa. Além disso, o uso

da lingerie bege também pode ser um indicador da cumplicidade que tinham, “tendo em vista que essa cor não inspira sedução como o vermelho ou preto, o que mostra uma relação sólida que não se prende mais a rituais de sedução” (PAIVA; COSTA, 2016, p. 5).

Uma última marca, e talvez a que mais distancie o relacionamento das duas mulheres daqueles regrados pela heteronormatividade e pela superioridade do homem, é o fato de respeitarem os desejos humanos, sem um julgamento baseado em diminuir a outra pessoa ou se apoderar dela como propriedade. As mulheres resolvem aproveitar e descobrir novas sensações fazendo um *ménage à trois*, dividindo os desejos e as fantasias.

Mesmo em uma história cheia de empoderamento feminino, o leitor encontra fortes marcas da homofobia presente na sociedade, visto que o relacionamento de Nana e Clô existia, mas era mantido em segredo há muitos anos. Por conta disso, no conto há, como escreve Camila Sodré de Oliveira Dias (2014, p. 46),

O silenciamento das personagens pautada nas normatizações das sexualidades que ainda se fazem presente no âmbito social. Se ser negra já traz consigo um aglomerado de preconceitos e estigmas, quando falamos em ser negra e lésbica o grau de discriminação triplica, já que os seus corpos sempre foram disponíveis as práticas heterossexuais.

Para que não ocorra mais esse silenciamento triplo que é imposto às mulheres, torna-se necessário que a postura militante de Miriam Alves seja disseminada para que outras escritoras negras, brancas, lésbicas, bissexuais, transsexuais, possam ocupar o espaço dentro da esfera literária fazendo o movimento de se autorrepresentarem e de assumir suas identidades. Somos surpreendidos pela força advinda dessa autorrepresentação, que promove discussões e desconstruções acerca da figura da mulher, dado que, “Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra” (EVARISTO, 2005, p. 53) e de todas àquelas que não se encaixavam no padrão branco e heterossexual.

Audre Lorde (2019) afirma que refletiu acerca do silêncio e como ele implica na vida de cada indivíduo. Dessa forma, percebeu que

a cada palavra verdadeira dita, a cada tentativa que fiz de falar as verdades das quais ainda estou em busca, tive contato com outras mulheres enquanto analisávamos as palavras adequadas a um mundo no qual todas nós acreditávamos, superando nossas diferenças (LORDE, 2019, p. 52).

É neste emaranhado de mulheres que rompem com o silêncio que está uma arma contra a tirania dos homens e do sistema machista que constituíram. A partir do momento que as indagações, as ideias, os descontentamentos são transformados em linguagem, seja verbal ou escrita, tornam-se figurações de resistência, de conhecimento e de cumplicidade. Nos dois contos analisados, é perceptível a força com que o silenciamento ainda cerca os relacionamentos homoafetivos, principalmente nos contextos familiar e profissional, em que as personagens necessitam ter prudência e serem discretas para esconder a própria orientação sexual.

“MINHA FLOR, MINHA PAIXÃO”: RELACIONANDO MASCULINIDADES

Como já dissemos anteriormente, a escrita de Miriam Alves está voltada para as relações homoafetivas. Até agora, realizamos a análise de dois contos em que as personagens eram mulheres lésbicas. No entanto, há também personagens masculinos em destaque na obra. A narradora autodiegética conta a história de seu relacionamento de mais de 20 anos para uma senhora desconhecida que lhe ajudou quando acabou passando mal na rua. A mulher diz que viveu a vida toda para o marido: “Sustentei aquele homem, a flor da minha vida, pelo qual me apaixonei” (ALVES, 2011, p. 44). Ela aparenta ser uma pessoa extremamente solitária, alguém que foi esquecida pelos seus, pois em suas palavras ela explica que não tem ninguém, apesar de ter marido e filho. Ao final da história essa mulher conta a descoberta da traição do marido com outro homem, que, inclusive, tinha lhe desacatado alguns dias antes. Desconfiada, ela passou a seguir o marido e os encontrou transando dentro do carro dele.

No conto “Minha Flor, minha, Paixão”, o leitor se depara com questões consideradas tabus pela sociedade. Primeiro, a homossexualidade masculina, que é, assim como a feminina, atacada pelos poderes machistas e heteronormativos, tornando-se motivo para a violência e a invisibilidade dessas pessoas. O homem, personagem da história, era alguém que, ou era bissexual e sentia atração por homens e mulheres, ou era um homem gay que precisou se desvincilar de sua verdadeira orientação sexual, casando-se com uma mulher. Não há como saber quais as razões para a manutenção do segredo da personagem, pois o texto não elucida. Entretanto, vale lembrar que vivemos em uma sociedade que demoniza homens e mulheres homossexuais, porque não respeita diferentes sexualidades. Assim, temos alguns indícios que ainda demonstram de que forma as convenções sociais e culturais insistem, muitas vezes, em não aceitar, tampouco respeitar, pessoas ditas diferentes tanto no espaço familiar quanto no âmbito profissional.

Devido a essas problemáticas que circundam a vida dos homens gays, destacamos a importância de textos literários que proporcionem tanto visibilidade aos indivíduos quanto uma saída para o silenciamento que lhes é imposto. Desse modo, essas escritas não só exprimem os modos de vida desses grupos, como também os estereótipos incumbidos a eles, realizando o trabalho de mudar o rumo dessa nova história contemporânea.

Para continuar a perceber as imposições sobre o sujeito gay, é primordial que se entenda como a identidade das pessoas se forma e é influenciada pelas vivências coletivas. Segundo Bauman (2005, p. 19):

As ‘identidades’ ‘flutuam no ar’, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

A personagem do conto é um exemplo dessa constituição da identidade proposta por Bauman. Assim, é perceptível que ele possivelmente tenha escolhido seguir com o relacionamento heterossexual por vontade própria, assim como pode tê-lo feito porque o espaço social e cultural, as pessoas com quem vivia, já estavam agregados a sua formação identitária. Todos o levavam para um caminho guiado pela heteronormatividade que é “Organizador da cultura, e que em articulação com a sexualidade, modula o modo heteronormativo de como homens e mulheres devem se comportar, como seus corpos podem apresentar e como as relações interpessoais podem se constituir, nesses domínios” (PETRY; MEYER, 2011, p. 195). Dito isso, o sociólogo Bauman também explica que esse reconhecimento da identidade pode ser tanto libertador para o indivíduo, quanto opressor:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada,[...] torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade (BAUMAN, 2005, p. 35).

No conto, é notório que o homem não sente atração pela mulher: “Ele me procurava uma vez a cada dois meses, sabe, essas coisas de sexo. [...] Ele também não dormia na mesma cama, dizia que roncava muito e não queria atrapalhar meu sono” (ALVES, 2011, p. 45). Neste período ele já não conseguia lidar com o seu modo de vida, já que a relação extraconjugal lhe tomava toda a atenção, provavelmente, por ser aquilo que lhe fazia feliz, que lhe proporcionava prazer.

Essa turbulenta relação consigo mesmo fez com que o casamento fosse fundado em um vazio, porque não havia amor, somente interesse. Neste ponto, é válido abordar as consequências que essa condição trouxe para a mulher, dentro da história. Como já foi descrito, ela era muito solitária e carente, tanto que na primeira oportunidade de abrir-se com alguém, assim o fez, jogando toda a história de sua vida nos ouvidos de uma desconhecida que tinha lhe oferecido ajuda.

Ao descobrir a traição, a esposa tem um sentimento de que vai morrer com o choque que levou. Não imaginava e não aceitava tais fatos, sobretudo que o seu marido “fazia o papel de mulher” (ALVES, 2011, p. 46). Para a recusa da ideia de que talvez ele fosse bissexual ou até mesmo homossexual, ela justifica que não é contra os gays, mas em se tratando daquele caso a recusa era forçada: “minha flor, meu galã me traiu. Usou todo o meu dinheiro para montar casa para o grandão. Mentiu, fingia ser o que não era” (ALVES, 2011, p. 46). A mulher ficou tão desamparada perante a situação que a partir daquele momento ela afirmava não ter ninguém.

O conto escrito por Miriam Alves destoa das escritas tradicionais no que diz respeito à construção de um personagem que não se orienta sexualmente dentro do padrão imposto pelo sistema machista, que se constitui por um único tipo de masculinidade. Dessa forma, o homem é o dominador de todas as relações e precisa constantemente provar isso para si mesmo e para os que o rodeiam. Há como se contrapor a essa ideia fechada, baseando-se no livro “Homens, masculinidades e políticas públicas”, desenvolvido pelo Promundo e pelo Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA, em que é colocado a escolha de

nos referirmos a homens e masculinidades no plural porque existem diferentes masculinidades que se vinculam a diferentes formas de ser homem, e que constituem ao mesmo tempo uma experiência subjetiva e uma experiência social e culturalmente construída. Esta pluralidade não se refere somente a possíveis diferenças individuais, mas particularmente a diferentes categorias de masculinidade [...] Algumas masculinidades se sobrepõem a outras. [...] Dessa maneira, entendemos a masculinidade como uma construção social, permeada por códigos, valores e simbolismos, atrelada a outras dimensões da vida social como classe, raça/etnia, geração, orientação sexual, e reproduzidos e reconstruídos por várias instituições sociais como a família, a escola, o Estado, o local de trabalho, entre outros (NASCIMENTO, SEGUNDO; BARKER, 2009, p. 9).

Baseado nesta pluralidade de masculinidades existentes, torna-se possível assinalar que aquele galã, personagem de Miriam Alves, possuía em sua constituição

identitária, distintas masculinidades. Perante a sociedade e a família ele se dizia heterossexual e comprovava isso sendo casado com uma mulher. No entanto, esse mesmo homem vivia uma relação homossexual, o que já diz respeito a uma outra masculinidade, uma outra maneira de ser homem. Essas condições, apesar de vividas separadamente, estão entrelaçadas e são os principais fatores que formam a identidade da personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos criados por Miriam Alves dão conta do movimento entre a arte, as vivências e os sentimentos. Neste emaranhado, as narrativas trazem a vida de pessoas que por muito tempo pertenceram a sociedade como classes minorizadas, que já tiveram direitos negados e que precisam superar todos os dias os traumas advindos da violência por parte de indivíduos e de grupos sociais dominantes. As mulheres negras, as lésbicas e os gays, são os grupos que a escritora faz emergir a voz em sua obra. Neste sentido, a literatura aparece como um mundo de novas oportunidades, visto que, suas demandas, suas vivências e descontentamentos passam a ser reportadas. Tudo isso tem como base o direito à palavra e o uso desse direito para resistir.

As personagens femininas de Miriam Alves assumem importantes papéis representativos na luta contra o racismo, a homofobia, a violência de gênero e os padrões androcêntricos. Além disso, é notório que essas personagens não se submetem à dominação masculina, mas permanecem minorizadas por serem mulheres e homossexuais, ainda que pertencentes as classes sociais mais altas. Mesmo assim, vê-se que o fator classe social não impede que as mulheres sofram a violação de seus corpos.

Quando trata das masculinidades, a autora faz com que elas se sobreponham e formem, coletivamente, a identidade de sua personagem. Essa ação demonstra para os leitores como as convenções sociais, o conhecimento sobre si mesmo e a cultura machista persistente na sociedade, são partes de um todo que é a identidade própria. Ou seja, mesmo sendo individual, ela é formada pelo coletivo e sofre imposições do coletivo.

A partir das leituras dos contos e dos textos teóricos que nortearam a pesquisa, comprehende-se a imprescindível presença da literatura afro-brasileira no meio contemporâneo, uma vez que as obras pertencentes a ela constituem a quebra dos padrões. Há personagens e situações que, dentro do contexto da história, são símbolos da luta para conscientizar o coletivo de que os processos discriminatórios, vividos no passado por uma parcela da sociedade, ainda colhem frutos no presente, com a contínua perpetuação de falas e atos homofóbicos, racistas e sexistas. Isso dá um papel de urgência para a

tomada do local de fala, para que se esclareça o que foi maquiado e se conte as novas histórias que se compõem com essas novas vozes.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

ALVES, M. **BrasilAfro autorrevelado**: Literatura Brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

AUGEL, M. P. Prefácio. In: ALVES, M. **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala. 2011. p. 11-20.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da Identidade. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, C. S. de O. **Identidades Lésbicas Afro-brasileiras nas narrativas de Miriam Alves e Zula Gibi**. 89 f. Trabalho de Graduação (Letras). Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2014.

DUARTE, E. A. Literatura Afro-Brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, nº 31, p. 11- 23, jan./jun. 2007.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

LORDE, A. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, M.; SEGUNDO, M.; BARKER, G. **Homens, masculinidades e políticas públicas**: aportes para equidade de gênero. Brasília: PROMUNDO, 2009. Disponível em: <https://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2015/01/Homens-masculinidades-e-politicas-publicas-aportes-para-equidade-de-genero.pdf> Acesso em 6 jun. 2020.

PAIVA, M. F. S.; COSTA, M. E. **Relações homoeróticas no conto abajur de Miriam Alves.** In: XII CONAGES, 2016, Campina Grande. Anais XII CONAGES. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18674> Acesso em: 18 jul. 2020.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193-198, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/7375> Acesso em 3 de mar. 2020.

SARDENBERG, C. Da violência simbólica de gênero à violência sexual contra mulheres: a lei antibaixaria e o caso da banda New Hit. In: CASTRO, A. M.; MACHADO, R. C. **Estudos feministas** mulheres e educação popular. Vol. 2. São Paulo: Liber Ars, 2018. p. 135-156.

SILVA, Vitória Régia da. No Brasil, 6 mulheres lésbicas são estupradas por dia. Gênero e Número. Disponível em: <https://www.generonumero.media/no-brasil-6-mulheres-lesbicas-sao-estupradas-por-dia/> Acesso em 12 jul. 2020.

SOBRINHO, S. T. **A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade:** estudo de Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-9VNLD/1/disserta_o_insubmissas.pdf acesso em 10 mar. 2020.

Recebido em: 29 set. 2021.

Aceito em: 10 dez. 2021.